



CHALONS SOBRE O SAONE.

SAÔNE (que se pronuncia *sône*) é um rio da França que tem sua origem no monte de Vosge, rega os departamentos do Jura e do Alto-Saône, separa o do Rhodano do de Ain, e junta-se ao Rhodano abaixo de Lyão, na extremidade de uma península, que terá de comprimento meia legua, bordada de choupos, e famosa pela tenaz resistencia da mocidade lyonense, que se achava entre tres fogos do exercito sitiador em 29 de setembro de 1793. Este rio, que leva as aguas mansamente, começa a ser navegavel em Port-sur-Saône: o canal que o junta com o Loire atravessa o departamento denominado de Saône e Loire, o qual conta perto de quinhentos mil habitantes, e faz seu principal commercio em trigo, palhas, gado vaccum, e vinhos; d'estes os que produzem certos territorios do Maconnais são os mais estimados; porém apenas farão a centesima parte dos vinhos que em Paris se vendem com o nome de Maconnais. Este departamento occupa a parte meridional da Borgonha, e uma das cinco subprefeituras em que se divide é Châlons, cidade que a sua situação faz grandemente commerciante; por aqui saem os parisienses não só a negociar, mas a viajar pelo clima mais agradavel do sul da França, que já em Châlons se começa a conhecer sufficientemente: por aqui tambem muitos tomam caminho d'Italia; mais de trinta carruagens publicas e muitos barcos de vapor transportam diariamente novecentas pessoas, termo medio; o caminho de ferro de Paris a Lyão deve influir muito no augmento do numero. Os arre-

dores de Châlons são fertes, de campos bem cultivados, e de mattas abundantes, cobertos em grande parte de vinhas, conhecidas de tão remota data n'este torrão que se refere ser o districto, onde o imperador romano Probo, repartindo como vencedor o terreno das Gallias entre os seus soldados, mandára plantar videiras, de que os barbaros não tinham noticia. Independente do trafico dos generos da terra, o porto fluvial de Châlons é como um armazem de deposito entre os dois mares: aqui chegam os vinhos do Beaujolais, do Maconnais, do Languedoc, que se embarcam depois no canal que une o Saône ao Loire começando em Châlons; aqui vem ter igualmente grande quantidade de ferro das forjas da Borgonha e do Franche-Comté; com todo este movimento e prosperidade mercantil, a cidade não possui edificios ou monumentos dignos de contemplação.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico)

II

A voz do povo nem sempre é a voz de Deus.

Tres dias permaneceu silencioso o alcagar; ao quarto o novo rei, no esbelto andaluz, atravessou a cidade.

de trazendo sobreveste d'almafega em cima da cota de cavalleiro, como signal de lucto. Os que o seguiam compunham-se ao seu exemplo, e segundo sempre acontece, por demazia de zelo faziam do lucto e dôr uma especie d'arremedilho, exaggerando-os.

Os homens da rua, assim chamavam então a quem não procedia de linhagem nobre, conchegando os mantos escuros, e apertando a cinta em redor do saio, diziam entre si:

— «O que haverá lá fóra? Serão corridas de mouros? Ha no reino levantamento de ricos-homens?» E acotovelavam-se, beliscavam-se e pisavam-se, avultando já em alguns a gordura succada, as roscas pegadas de duas barbas, e a veneranda rotundidade de um ventre escrupulosamente municipal.

Por felicidade d'elles não havia ainda na terra portugueza rebellião, guerra e fome. Os portageiros cobravam sem novidade á entrada de Coimbra os direitos reaes com a proverbial mansidão de lobos entre ovelhas. Os que haviam de sair no appellido (chamamento ás armas) por foro da cidade, não tinham recebido aviso; e muito satisfeitos estavam d'isso, porque tres annos bastaram para não caberem nos seus lorigões de couro crú.

— «Mas que novidade era esta? perguntavam elles aos cochichos, ou em voz baixa. Por que sae elrei tão cedo?» Elle só e os anjos é que lhe podiam responder. Mas nada obstava a cada qual aventurar as mais extravagantes conjecturas, gizadas na areia com um convencimento digno das maiores verdades.

Se elles adivinhassem ou se atrevessem a escutar o que ia conversando o moço rei com os seus cavalleiros, caíam das nuvens, ficando menos mal curados do arrojo das suas imaginações. D. Affonso partia pelo motivo mais simples do mundo. Maguava-o aquelle castello, aonde perdêra seu pai, e determinando demorar alguns dias a cerimonia da coroação, desejava aproveitá-los em se distrahir fóra de Coimbra. Já se vê que nada havia mais natural.

Pois, arriscasse alguém esta explicação aos honrados burguezes, e saberia que S. João Baptista não se fez debalde advogado das cabeças quebradas. O rei sair só a passear... ora essa! Pois era a verdade. O rei saía a passeio, e nada mais.

Depois d'elrei passar, uma scena frequente nos costumes da meia idade veio distrahir a attenção dos populares. O espectáculo era proprio para lhe lisonjejar os instinctos, e satisfazer as crengas religiosas, vivas e ardentes, n'uma epocha em que a politica do clero consistia em n'as saber entreter e exaltar.

Tractava-se de um acto de justiça popular. O povo era juiz e parte ao mesmo tempo. Um judeu o réu ou a victima.

O caso succedeu assim.

Havia annos que D. Sancho I tomára para thesoureiro Mestre Zacharias Zuleima. O rei morria por encher as arcas de maravedis de ouro e prata, e o judeu suava agua e sangue por lhe agradar, acugulando-as. Estes serviços augmentaram o seu valimento, e com o valimento principiou a vêr-se de mais perto a obscura pessoa do honrado thesoureiro. Até alli tinha andado rente com o chão, e o agrado real animou-o a levantar a cabeça. Entregaram-lhe a administração de todas as rendas e terras do rei em Coimbra, e o seu zelo fiscal, se é possível, ainda excedeu as esperanças que n'elle depositára o seu illustre protector.

Mestre Zuleima unia á raça dos crucificadores o sangue africano de uma formosa moura, que seu pai (que escandalo!) ás barbas da synagoga elevára da abjecção de escrava á grandeza invejada do seu precioso thalamo pharisaico; e o virtuoso Zacharias era

o fructo unico dos amores conjugaes da bella Eicha com o rabbi Judas.

Até aqui optimamente. Mas o mestiço thesoureiro real parecia-se muito com um flagello para não ser cordealmente aborrecido. Se as arcas da corôa inchavam é bom saber que as bolsas dos populares achatavam á proporção. Os reguengueiros, tosados pela desalmada tesoura, queixavam-se de que ella lhe entrava já pela pelle. N'isto é que o Sr. Zacharias Zuleima andou mal, como a experiencia veio a mostrar.

Não resistimos á tentação de retratar o *agiota* do seculo XII, muito semelhante em tudo aos lobos cervaes d'agiotagem no seculo XIX; porque atravez dos tempos e das distancias o seu parentesco perpetuouse intimo e nunca interrompido. A dynastia dos millionarios é a mais antiga dynastia do mundo; renasce debaixo de mudadas fórmulas sempre a mesma, para supplicio de todas as gerações e de todos os tempos.

Mestre Zacharias ainda não tinha cincoenta annos. Baixo; antes gordo que magro; cara redonda e menineira; faces cheias e rozadas; e nos olhos verde-mar um brilho d'astucia e viveza raras, que perfeitamente casavam com a finura do seu habitual sorriso. Vestia aljubeta curta de sarja amarella; e o capuz do balandrão debruado d'encarnado, com mangas largas de meio covado, descia sobre a testa calva, arqueada e luzidia.

Quem ouvisse os populares não podia vêr D. Zuleima; porém o demonio nunca é tão feio como o pintam. O ovençal do rei era dos maiores sabedores da sua tribu, e o grande Annaz, o Pythagoras da synagoga, não era maior doutor na sciencia do Talmud. Em todos os seus conselhos se apreciava a madureza de homem experiente; e os conselhos eram a cousa unica que dava de graça. Disposto a prestar serviço, com tanto que lh'o pagassem, ria-lhe na bocca um sorriso perenne; e a espinha dorsal nunca esquecêra a curvatura d'arco. Máu amigo, e peor inimigo, o destro judeu dirigia todos os seus negocios com avareza intelligente. Como o povo lhe jurava para um dia cedo a recompensa, elle, á cautela, por empréstimos de ficticia liberalidade, tractou de comprar poderosos protectores para a adversidade entre os nobres e os ecclesiasticos. Esperava que, semelhante a Noé, dentro da arca do seu thesouro havia de desafiar impune as iras de todos os diluvios.

Em quanto viveu D. Sancho, as proezas de Mestre Zacharias foram cada vez a mais. Mas o medo atava os braços aos seus inimigos. Contentavam-se em lhe disparar na passagem duas valentes pragas, e um ou outro monge em lhe escarrar na cara, em latim barbaro, as roucas maldições de um zelo atrabilario. D. Zuleima, entretanto, era responsavel por todas as desgraças acontecidas em Coimbra. As secas e as geadas, os gafanhotos e a peste tudo era obra do seu amor paternal. Já se vê que era popular de veras, o judeu!

Isto devia-se mais ao emprego do que ao homem. O ovençal, em contacto com os homens-livres dos reguengos, e opprimindo-os, attrahia sobre si o odio dos máus pagadores e o dos bons, que perseguia igualmente d'intoleraveis exacções. A consciencia de D. Zuleima, preta como a de Poncio Pilatos, era mais dura que um penedo. Assarapintando de garantas abominaveis os livros do *recebedo*, na bolsa de couro, preza á cinta da aljubeta, trazia um escriptorio portatil capaz de arruinar em duas horas tres casas honradas, segundo diziam os seus admiradores da cidade.

Quando morreu D. Sancho a prudencia disse ao ovençal: — «Zacharias Zuleima, põe-te á sombra.

Tu não sabes quem te quer bem, nem quem te quer mal; deixa-te ficar de guarda ás tuas arcas na boa terre de Coimbra." — Mas a cubiça gritava: — "D. Zuleima, amanhã arrecadam-se as rendas dos reguengos, e o medo não dá de comer. Meu amigo, faz como a virtuosa Ruth, ou veem os pardaes elevam-te os respigos da seara." — O judeu ainda se teve dois dias, mas ao terceiro, o do prazo da cobrança, mandou passeiar a prudencia, e metheu hombros á empreza.

Desceu do ninho, invocando Moysés, e a toura, atravessou a levadiça, transpoz a barbacan, e d'ahi a nada ei-lo já fóra do bairro coutado dos ricos-homens.

Ia respirando. Tudo parecia favorece-lo; nem sequer o zumbido usual das pragas e maldições o incommodava. Perto da Portagem havia um estafermo corcovado, verde-negro, com uma perna um palmo mais curta do que a outra. Este enxalmo tomava a soalheira do meio dia e a fresquidão da meia noite assentado debaixo da alpendrada, acalentando-se em coplas tropegas ao divino; e era freguez certo de pragas a D. Zuleima. O judeu, antes de chegar ao sitio, espreitou o seu argos, e viu-o enrolado na esburacada tunica de burel, escabeceando com os olhos fechados. O rouxinol adormecêra com a propria melodia.

Animo, Zuleima, murmurou o homem dos maravedis; e passou depressa, o mais subtil que poude, tomando para opposta direcção.

Mestre Zacharias dava-se já por salvo, enganava-se. Elle a virar a quina da rua, e o heroe da Portagem, o diabo-coxo, que espiava pelo rabo do olho, a saltar na muleta de dois galhos, deitando aos pulos atraz do digno official da fazenda d'elrei. Quiz então a má fortuna do judeu que fosse esbarrar justamente de cara a cara com o respeitavel Vulcano de Coimbra, o afamado Pero Britador, armeiro de hombros de Hercules, tez morena, e pulso capaz de derrear um touro.

Assobiava á porta da sua forja, acabando de polir a folha de uma ascuma. A haste curta, encostada fóra do umbral e pintada de novo, estava a seccar ao sol: Lá dentro ia um inferno de malhos, puxados por homens de carões chamuscados.

Mestre Zacharias enfiou. Sabia que tinha alli um amigo velho.

Duas injustas penhoras apéaram o illustre Pero Britador do foro de cavalleiro villão; e este obsequio singular era devido a D. Zuleima. Jurou-lhe pelos ossos até á primeira occasião, e era homem de palavra. Por isso o judeu, apenas o viu, logo lhe doeram as costellas.

Entretanto tractou de fazer a retirada airosa. Co-seu-se com a parede fronteira, e muito sorrateiro foi dobrando o passo sem olhar para traz.

Pero Britador deixou-o chegar mesmo á quina por onde se virava para o terreiro da picota; e, dando para dentro da forja um assobio agudo, agarrou na haste da ascuma; em tres ou quatro passadas estava com ella no ar sobre os malfadados lombos de D. Zuleima.

— "Psio! amigo velho! . . . que é isso, vai-se rolando sem fallar á gente?"

E o pau ás mãos ambas caíu, como uma alavanca, no costado do aterrado Zacharias.

Só então é que elle ouviu, sentiu e viu o ferreiro.

O suor frio escorria-lhe da testa em gotas; e mais se assustou ainda, quando do meio de um tropel de passos, que se approximava a cada instante, uma voz tremula e desentoadada cantou estes versos:

Malha, malha, meu armeiro
E não cesses de malhar;
Bate o ferro qu'está quente,
Até a mão te calejar.

Era o diabo-coxo á frente de mais de vinte galeotes do Mondego, couteiros, e moços de monte, excellentes caras para figurarem em bruto n'um auto da *Prisão do Senhor no Horto*.

O vulgacho, attrahido pelas pragas dos galeotes, pelos gritos taurinos do armeiro, e pelos guinchos de cega-rega do diabo-coxo, ajuuctava-se em maior numero. Pelas frestas das casas e ás portas meio abertas arriscavam-se algumas cabeças curiosas. D'ahi a minutos era uma feira. O povo já não cabia na rua e no terreiro!

D. Zuleima, ora branco, ora verde, ora roxo, cambiando as côres do medo, batia os joelhos e os dentes n'uma verdadeira sezão, amaldiçoando a cubiça, que o mettêra na bocca do lobo.

— "Deus d'Abrahão e de Isaac!" gritou, ajoelhado ao ferreiro, com grande ancia.

— "Blasfema! bradou um da chusma. Tubarão, ouves? . . . tu que estás mais perto, mette-lhe oito dentes pela bocca dentro, a vêr se o fazes cuspir o nome d'esses idolos."

— "Alto! leva rumor! clamou mestre Pero. Isto ha de ser com todas as ceremonias, ou não presta. Que é dos alvazis da arraia miuda?"

— "Aqui estão, mestre Pero" disseram ao mesmo tempo umas poucas de vozes.

— "Depois os verdadeiros alvazis, os da cidade, que venham cá pôr-nos a muleta! continuou, rindo, o ferreiro. Vamos, um banco; alli o judeu da esquina que traga o livro d'estes cães. Diabo-coxo, upa! estás arvorado em alvazil. Nós somos os homens bons. A tia Dordia e a tia Ruiva as queixosas. Eu executo a sentença . . . Ora digam lá que a gente cá não sabe fazer justiça."

A medida que elle fallava, tudo como por encanto chegava a postos. O judeu da esquina tremia engelhado de medo e frio: o diabo-coxo encruzava-se no banco. E aos empurrões o atribulado Zuleima era levado á presenca d'aquelle novo tribunal, cercado de caras avinhadas no meio do borborinho dos rapazes e do resmungar das velhas, a parte mais desinquieta da assembléa.

— "Anda cá, judeu, iscarote — disse a tia Ruiva, ficando o punho cor de lagosta na cinta — não me dirás que mau olhado déste á vinha de mestre Chambão? . . ."

D. Zuleima, perturbado e fóra de si, ouvindo o nome de um dos seus devedores, clamou:

— "Não lhe ficou bago no cacho? estimo bem porque . . ."

Uma trovada de gritos, pragas e ameaças caiu sobre elle apenas dissera isto.

— "Brada ao céu! Aborto do inferno! Agouro da cidade!" gritaram os galeotes e ferreiros, tinindo o ferro dos malhos, e batendo as pás dos remos.

— "E as maleitas, ao visinho Telmo? Não o largam ha duas semanas!" guinchou a senhora Eva Soliz.

— "E o pobre Estevam do Moinho, não lhe mettu este cão uma penhora em casa? Está arrastado berrava uma oitava acima a tia Dordia."

A cada accusação a cara de D. Zuleima era um arco iris.

— "Vamos, judeu, disse o diabo-coxo, responde; o que te fez toda esta gente?"

Mestre Zacharias é que podia perguntar em que tinha offendido aquelle respeitavel arcopago; mas

n'uma convulsão de medo mal tinha força da murmurar :

— « Deus de Moysés, salvai-me da mãos dos nazarenos ! »

— « Olhem a cara de Judas ! » grunhiu a tia Rui-va, sacudindo um braçado de hortaliça.

— « Deixem o caso aos alvazis ! » bradavam algumas vozes.

— « Sessenta açoutes. »

— « Noventa. »

— « Cem e deveras, ou vou-me embora » concluiu o diabo-coxo.

— « Cem, nem um de menos ! » barafustaram todos.

— « Quem demonio ha de cá dar tanto açoute ? » disse o armeiro.

— « Cem ! cem ! » trovejaram de todos os lados.

— « Pois cem, sejam cem, com dez demonios ! » retorquiu o ferreiro. Lopo Secco, arregaçar as mangas e malhar ! »

(Continúa.)

ACTO DE LEALDADE PORTUGUEZA.

É GERALMENTE conhecido o heroico feito do magnanimo e leal Salvador Ribeiro, na rejeição da corôa do Pegú, e que mereceu ser cantado pelo Pindaro portuguez ; tem, comtudo, permanecido no esquecimento outra acção semelhante, posto que não tanto estrondosa, practicada no sertão do Brazil em tempos mais modernos.

Durante o interregno de 1580 a 1640 tinham-se estabelecido na cidade de S. Paulo muitos hespanhoes, que para alli passaram da Europa, ou que concorreram das Indias occidentaes :ahi exercitavam avultado negocio, possuíam habitações e fazendas, e pela maior parte estavam casados e mantinham estreitas relações com a gente da terra. Chegada ao Brazil a noticia da aclamação d'elrei D. João IV, concertaram-se aquelles hespanhoes para conservar na obediencia de Castella as povoações de Serra-acima ; conhecendo porém que, se declarassem abertamente a sua intenção, seriam victimas do rancor geral contra o jugo estranho, traçaram valer-se de artificio e manha. Lembraram-se que, seduzindo os paulistas para se desmembrarem da metropole e erigirem qualquer governo em separado, cedo ou tarde seriam forçosamente aggregados ás Indias da corôa de Hespanha, supposto a communicação fluvial entre as villas de Serra-acima e as provincias da Prata e Paraguay. Neste presuppuesto, inculcando-se mui zelosos do bem commum da terra em que se haviam naturalizado, propozeram a seus amigos, parentes e alliados, e a todos em geral, a eleição de um rei paulista, não lhe esquecendo apontar logo, como digno da corôa, Amador Bueno, pessoa mui estimada de todos os seus patrios pelas circumstancias de qualificada nobreza, da opulencia, do respeito de que era credor pelos cargos que honrosamente desempenhava, pela numerosa clientella de individuos com elle vinculados por sangue ou amizade, e pelas allianças de seus nove filhos e filhas, duas das quaes eram casadas com dois irmãos fidalgos hespanhoes, que vieram ao Brasil, em 1625, na armada hespanhola, destinada á restauração da Bahia. — Valeram-se os da sizania de todas as razões especiosas convenientes a seu proposito, expondo áquella gente sincera e pouco instruida, que o acto a que os instigavam de nenhum modo seria taxado de rebeldia, porque, roto o dominio intruso de Castella, estavam no jus de reconhecer ou não, conforme seus interesses, um soberano a quem não haviam jurado preito e obediencia. Para lisonjear as paixões exaltavam o merito dos paulistas, allegando que, pela nobreza de muitos e a riqueza e capacidade de muitos

mais, podiam crear um estado forte e independente ; que alistariam exercitos entre o grande numero de indios seus administrados e escravos ; que era defensavel a posição de S. Paulo, mais vantajosa ainda porque para os portos maritimos, d'onde haveria que recear algum accommettimento, não existia senão a ruim estrada de Paranaapiacaba, que bastaria despedir penedos pela serra abaixo para derrotar os invasores. Este enredo esteve a ponto de ir por diante, e os hespanhoes logriariam seu intento, se não fôra a lealdade acrisolada do proprio homem que procuravam para instrumento de seus designios. — Eis aqui como refere o facto o historiador da provincia, Fr. Gaspar da Madre de Deus :

« Eram sinceros os moradores de S. Paulo, e ainda que fieis, bem poucos entre elles teriam a instrucção necessaria para conhecerem o direito incontestavel da serenissima Casa de Bragança ao sceptro, e para perceberem os laços e as funestas desgraças em que aquellas machinações os iam precipitar. Além d'isso, a plebe em toda a parte é facil de mover-se e de arrojarse a excessos. Os hespanhoes conseguiram seduzi-la e ajunctar um grande numero de pessoas de todas as classes, que, acclamando unanimemente por seu rei a Amador Bueno de Ribeira, concorreram, cheios de alvoroço e entusiasmo, á sua casa a congratular-se com elle. Pasmou Amador Bueno de Ribeira quando ouviu semelhante proposição ; elle detestou o insulto dos que a proferiram, e com razões efficazes procurou dar-lhes a conhecer sua culpa e cega indiscrição. Lembrou-lhes a obrigação que tinham de se conformarem com os votos de todo o reino, e a ignominia de sua patria se não se reparasse a tempo, com voluntaria e prompta obediencia, o desacercto de tão criminoso attentado. Mas a repugnancia do eleito augmenta a obstinação do povo ignorante ; chegaram a ameaça-lo com a morte se não quizesse empunhar o sceptro. Vendo-se n'esta consternação o fiel vassallo, saiu de sua casa furtivamente, e com a espada núa na mão, para se defender se necessario fosse, caminhou apressado para o mosteiro de S. Bento, onde intentava refugiar-se. Advertem os do concurso que havia saído pela porta do quintal ; e todos correm apoz elle, gritando : — *Viva Amador Bueno, nosso rei !* ao que elle respondeu muitas vezes em voz alta : — *Viva o Sr. D. João IV, nosso rei e senhor, pelo qual darei a vida.*

Chegando Amador Bueno de Ribeira ao mosteiro, entrou e fechou rapidamente as portas. Como os paulistas antigos veneravam summamente aos sacerdotes, principalmente aos regulares, nenhum insulto ao convento, e todos pararam da parte de fóra, insistindo, porém, na sua indiscreta pretensão. Desceu á portaria o D. abade, acompanhado da sua comunidade, e com attentões entreteve a multidão em quanto Amador Bueno de Ribeira mandou chamar com pressa os ecclesiasticos mais respeitaveis, e alguns sujeitos dos principaes que se não achavam no concurso. Vieram logo uns e outros, e todos unidos ao dicto Bueno fizeram comprehendere aos circumstantes que o reino pertencia á serenissima Casa de Bragança, e que d'elle se acharia esta em posse pacifica desde o dia da morte do cardeal rei D. Henrique, se a violencia dos monarchas hespanhoes não houvera suffocado o seu direito. Nada mais foi necessario para se conduzirem aquelles fieis portuguezes como deviam ; todos arrependidos do seu desacordo foram, cheios de gosto, acclamar solemnemente o Sr. D. João IV, com magua dos hespanhoes, os quaes, para não perderem as commodidades que tinham vindo procurar em S. Paulo, prestaram tambem o juramento de fidelidade ao mesmo soberano.»

Este facto é, como dissemos, mui pouco sabido: um amigo nosso o tomou para assumpto de um drama que tem concluido, porém ainda não vulgarizado.

O GENIO DO BEM.

Ao VASTÍSSIMO imperio da Russia, povoado por tantas e tão diversas nações, pertence a grande península de Kamtschatka, que demora ao nordeste da Asia entre os 52 e 61 gráus de latitude septentrional, e entre o golpho do mesmo nome e o mar do Japão na extremidade sueste da Russia asiatica; tem obra de 75 leguas na sua maior largura; a sua extremidade ao sul é o cabo Lopatka; de norte a sul corre uma serrania de altos que a dividem quasi em partes iguaes, e d'ella nascem varios rios que se lançam no Oceano e no mar de Okotsk. Da-lhe o nome o Kamtschatka, que tem seu manancial na falda de um monte volcanico, corre ao norte por terra dentro, e despeja-se no mar depois de um curso de 70 leguas de 20 ao gráu. Os russianos só tiveram conhecimento d'ella por fins do seculo XVII; porém, em 1711 é que alli se estabeleceram e foi reconhecida a auctoridade do Czar, a cujo imperio os Kamtschadaes pagam tributo em pelles finas; sendo o commercio d'este genero o que tem feito mais frequentada esta península. O clima é aspero e pouco toleravel para outros povos que não sejam os russos; dizem estes que o torrão é fertil; porém as arvores que tem são acanhadas; dá alguns vegetaes no estado silvestre, taes como alhos, cebolas, aipo, e tambem excellentes nabos em alguns sitios nos valles. Esta região, comtudo, não tem o frio tão rigoroso como indica a sua situação; o que procede das montanhas onde ha tres volcões, e de certa temperatura que o mar conserva por meio de densas nevoas: o inverno é longo e constante, e n'esta estação não se póde viajar senão em trenós: janeiro é, como na Europa, o mez mais frio; a primavera é curta, e posto que chuvosa tem alguns dias bonitos; o verão não é comprido, mas muito inconstante: a approximação do bom tempo é perigosa para os moradores por causa do derretimento dos gelos; e ás vezes se vêem obrigados a refugiar-se nas copas das arvores para não serem subvertidos.

Os habitantes póde dizer-se que são de tres raças, kamtschadaes, nativos do paiz, e russos, e cossacos, sem fallar nos mestiços d'estes povos: constroem tres castas de habitações; as que chamam *yurts*, para o inverno, parecem exteriormente um outeirinho redondo, com um buraco ao meio, que serve de chaminé, de porta e de janella; as segundas, chamadas *balanganas*, habitam-n'as de verão; as terceiras, que denominam *loguzas*, introduzidas pelos russos, são as vivendas da gente mais graúda. Os verdadeiros aborigenes são de estatura abaixo da mediana, de cara larga e redonda, olhos pequenos e encovados, maçãs do rosto prominentes, nariz esborrachado, cabellos pretos, e tez baça; o seu character é brando e hospitaleiro; são grandes preguiçosos, e a sua maior dita, depois da embriaguez, é a ociosidade: vestem-se de pelles de lobos, de ursos, de rangiferos, e de argalis (carneiros selvagens): a necessidade os obriga a dar caça a estes e aos animaes que teem as pelles finas, porque n'este ramo consistem todas as suas riquezas. Ha n'esta região castores de tamanho extraordinario; e tambem mattas e zibelinas; as raposas de varias côres são mais formosas que as das ilhas de leste. A pesca é muito abundante nas costas, onde se acham salmões e trutas, e se caça o lobo marinho. Animaes domesticos não ha senão alguns rangiferos,

e os cães, que são da maior utilidade, porque os cangam aos trenós em numero impar, e assim transportam pelo gelo seu dono com a bagagem. — Esta gente parece que não tem culto fixo; comtudo reverenciam de algum modo certos animaes, e invocam diferentes genios sobrenaturaes, crendo que ha muitos que ordenam o mal, por isso que são mais os males que os gozos da vida, e que ha um que é causa



do bem, e que representam pela imagem brutesca que mostra a precedente gravura. — Os casamentos effectuam-se de um modo notavel: uma rapariga pretendida para mulher é como uma fortaleza que se ha de tomar por assalto; é defendida pelas outras mulheres, as quaes se atiram ao pretendente, dão-lhe muita pancada e muitos boléus, arranham-n'o e puxam-lhe pelos cabellos; é necessario que elle triumphe d'estes obstaculos, aliás não casa: porém se vence, leva a sua noiva, e então os dois partidos se reconciliam, e tracta-se da boda em casa d'ella.

CULTURA E SEMENTEIRA DAS BATATAS.

No DIARIO do Governo, n.º 67, publicaram-se Instrucções convenientes para dirigir a cultura das batatas, com as precauções necessarias, afim de evitar e prevenir o mal que a tem contaminado; apontando logo a providencia de sementeiras.

Entre as causas provaveis de tão funesto mal figura, no seu tanto, o enfraquecimento e degeneração do *germe das batatas*, o qual, por melhores que sejam, enfraquece e degenera em menos de vinte annos; é por isso que os bons agronomos não teem cessado de recommendar a *sementeira* d'ellas como via natural e providente de lhes restaurar o principio de reproducção fecunda, perfeita e sã: infelizmente essas recommendações, e outras mais, teem sido desprezadas, até que agora a gravidade do mal obriga a empregar todas as cautelas e meios de o evitar, e de o prevenir para o futuro, recorrendo ás sementeiras, cujo methodo practico julgamos opportuno indicar.

Como porém as sementes devam ser sãs e perfeitas, e colhidas como taes de planta sã e perfeita, esta obvia consideração augmenta ainda o cuidado especial com que se deve proceder na plantação e tractamento das batatas no presente anno, afim de produzirem fructos sãos e perfeitos para as necessidades e usos da vida, e sementes proprias para a reproducção.

Finalmente a escacez de cereaes com os seus effeitos de carestia do pão, tendo-se de atravessar assim os mezes que decorrem até as colheitas, e colheitas que se hão de resentir dos muitos trabalhos agrarios que se tem deixado de fazer por causa das perturbações da guerra civil, conduzem a lançar mão da cultura das batatas como objecto importantissimo de subsistencia publica e como supplemento das lavouras que se não fizeram em tempo. É com o intuito de contribuir para fins tão ponderosos, que, insistindo na doutrina das citadas Instrucções publicadas no Diario, resumimos os seguintes apontamentos para a cultura e tractamento das batatas, suas sementes, e sementeiras.

1.^o A batata quer terrenos leves, soltos, enxutos, e arenços; e aborrece os argilosos, tenazes, compactos, e humidos: em geral os bons terrenos para ceiteio são os melhores para as batatas: os terrenos inclinados ou elevados produzem melhor batata do que os planos: e os de exposição ao nascente ou meiodia favorecem particularmente a producção temporã.

2.^o Entre as especies ou variedades de batatas, as brancas são em geral mais volumosas e productivas; as vermelhas admittem terreno mais forte e consistente, produzem um terço menos, conservam-se melhor, e amadurecem mais tarde; as amarellas tem a polpa mais fina, são de boa producção, e as mais temporãs.

3.^o Para a plantação de qualquer especie de batata prepara-se o terreno com uma cava ou lavra de doze a quinze pollegadas de profundidade; deixando o mesmo terreno perfeitamente destorroadado e limpo.

4.^o No terreno, assim preparado, se faz a plantação: ou a braço, o que é mais dispendioso, ou á charrua ou arado, o que é mais economico e expedito, e se practica pela maneira seguinte: — a charrua ou arado vai abrindo um rego sufficientemente profundo e largo, e o mais direito possivel — seguem duas mulheres, uma com um peneiro de batatas que vai plantando no meio do rego aberto, guardando a distancia de palmo e meio entre cada uma; a outra mulher vai lançando o estrume sobre as batatas assim dispostas. — Plantado d'esta fórma o primeiro rego, a charrua na volta cobre as batatas plantadas — e assim se prosegue na plantação dos outros regos, guardando entre uns e outros a distancia de dois palmos e meio. Convem observar que a plantação deve ser mais espaçada nos terrenos ricos do que nos magros; mais profunda nos fracos e arenços do que nos fortes e consistentes; e sempre mais espaçada nas especies brancas do que nas vermelhas.

5.^o A batata que se plantar deve ser sã e perfeita, e havida com escolha de sitio em que não tenha apparecido o mal; deve plantar-se inteira, e ter volume razoavel, pois que a sua polpa é destinada para nutrir o germe na primeira idade: todavia, donde forem raras e caras as batatas, poderá practicar-se a economia de partir as mais volumosas em boccados grossos, cada um com tres olhos e com a maior porção possivel de polpa; esses boccados plantam-se um a um como as batatas inteiras; advertindo, porém, que deym ser partidos um ou dois dias antes da plantação e expostos ao ar para apertar e seccar os poros das superficies cortadas, e lhes servir de pelle do modo possivel; e na sua plantação não se lança o

estrume immediatamente sobre elles, mas sim cobrem-se primeiro com uma pollegada de terra e lança-se então o estrume por cima.

Convem aqui observar: 1.^o que deve sempre cultivar-se e plantar-se em separado cada especie de batatas: 2.^o que se não devem empregar na plantação de qualquer terreno as batatas que tiver produzido, mas sim as melhores e mais perfeitas de terreno diverso.

6.^o A plantação das batatas requer estrumes bem curtidos e apurados: os chamados *compostos* e os vegetaes são preferiveis a todos os respeitos.

7.^o Desde que a planta tiver tres a quatro pollegadas de altura, precisa ser sachada com uma enxada pequena para extirpar todas as hervas, mover e amaciar a terra, e facilitar a extensão das raizes fibrosas que hão de produzir as batatas; esta operação renovar-se-ha segundo a terra fôr mostrando a necessidade de ser limpa de hervas, movida e amaciada.

8.^o Logo que as plantas estiverem proximas a lançar flôr, deve junctar-se em roda de cada pé uma sufficiente quantidade de terra, tomada de um e outro lado; esta operação se irá repetindo successivamente até que a força de lançamento dos pés e ramos intercepte a passagem nos intervallos; e se aperfeiçoará ainda mais deitando na terra, assim amontoadas, os pés e ramos da planta, afim de provocar novas raizes, e com ellas novas batatas. Concluida esta operação, nada mais se precisa fazer até se acharem maduras as batatas, o que se conhece pela mudança da cor verde dos pés e folhas em amarella e murcha, até seccarem completamente: e desde então chegou a epocha de proceder á colheita das mesmas batatas, e necessarios cuidados para se aproveitarem, conservarem, e usarem em toda a extensão do seu prestimo.

9.^o Se durante a vegetação das plantas apparecerem em alguns pés, ramos, ou folhas, manchas ou nodos pardacentas, que são indicativas do mal, devem ser immediatamente cortados bem rentes esses pés com todos os seus ramos e folhas; e depois queimarem-se, e lançar as cinzas na terra.

10.^o As especies mais temporãs de batata offerecem um recurso de subsistencia publica, particularmente benefico e providente nos annos de carestia e fome: pois que, para acudir a taes necessidades, vão-se colhendo as batatas maiores apartando geitosamente a terra que as cobre, e tornando a conchegar a terra em roda dos pés da planta, e sobre as outras batatas, que continuam a crescer e aperfeiçoar-se até depois de seccarem os pés e ramagem das mesmas plantas.

Sementes.

11.^o As sementes da batata são pequenas e redondas, e formam-se dentro de capsulas globosas, que as contem em muitas cellulas. Estas capsulas, pendentes da planta, colhem-se quando se acham bem maduras, o que se conhece pela sua molleza e cor branca; espalham-se ás camadas em caixas entre camadas de areia; conservam-se assim até o fim do inverno; então esmagam-se entre as mãos para extrahir e separar as sementes por meio de agua e uma peneira, depois do que seccam-se perfeitamente ao ar, e ficam promptas para semear.

Cabe aqui a recommendação fundamental de escolher as capsulas mais perfeitas das plantas mais perfeitas de cada especie de batatas; e de conservar em separado as sementes obtidas de cada uma das mesmas especies, para se semearem tambem em separado.

Sementeiras.

12.^o Esta sementeira faz-se nos principios da primavera, em terreno bem preparado; e pratica-se pe-

la maneira seguinte: — mistura-se a semente com areia fina, ou com terra secca reduzida a pó — lança-se em regos bem alinhados, que tenham de duas a tres pollegadas de profundidade — cobre-se ligeiramente com terra, e espalha-se por cima uma mediana porção de estrume do melhor e mais bem curtido — e assim se prosegue na sementeira dos outros regos, guardando entre uns e outros a distancia de palmo e meio.

13.^o Desde que a nova planta tiver tres a quatro pollegadas de altura, applicam-se-lhe as operações de sacha, e de se lhe junctar successivamente a terra em roda dos pés, como fica apontado para a cultura ordinaria. Quando a planta se mostrar completamente amarella e secca, colhem-se então as novas batatas, que são do tamanho de avelãs, as quaes, depois de bem limpas da terra, e enxutas, se espalham folgadamente em lugar secco e arejado, e sobre canigos aonde for possivel, movendo-as de tempos a tempos, e catando as que appareçam defeituosas, doentes, ou imperfeitas; e assim se conservarão até a primavera seguinte, em que se plantam: esta primeira plantação deve já produzir batatas assaz volumosas, mas a do seguinte anno é que ha de apresentar plena producção de batatas com todo o seu volume e perfeição.

LUIZ ANTONIO REBELLO DA SILVA.

A importancia do artigo precedente, importancia absoluta em si e que o estado das subsistencias em Portugal torna ainda muito maior, é facil de avaliar. O auctor d'este escripto, pessoa distincta na sciencia agronomica, é conhecido assaz para que os nossos elogios servissem de grangear-lhe a confiança dos leitores ácerca do bom exito que devem tirar da applicação das suas doutrinas. Elle ajunctou n'um breve e intelligivel quadro tudo o que ha essencial ácerca da renovação das batatas pelo systema das sementeiras, e ainda sobre a sua cultura pelo methodo ordinario. Nós accrescentaremos aqui algumas idéas que nos parecem vir a proposito de uma questão gravissima pela situação em que se acha a agricultura no paiz. Seguiremos nas seguintes observações a ordem dos paragraphos em que o auctor dividiu a materia do artigo.

1.^o É incontestavel que as batatas preferem os terrenos soltos e arentos: mas não deixam de produzir nos argilosos, uma vez que não sejam extremamente compactos. Na verdade o producto não é tão abundante; mas paga o trabalho do agricultor. A possibilidade de progredir a carestia das subsistencias (porque as colheitas ainda estão contingentes, e porque em consequencia das perturbações publicas muitos campos ficaram por cultivar) é um incentivo para que se proceda á sementeira da batata nos terrenos deixados de pousio, embora fortes, ou medianamente compactos.

6.^o A proposito dos estrumes e compostos mais convenientes para a cultura da batata, aconselhariamos a mistura do estrume do gado vaccum, que é o que abunda mais, com a marga, onde a houvesse, o que se verifica justamente nos terrenos fortes (terras avermelhadas) em cujo subsolo, muitas vezes apenas a tres ou quatro palmos de profundidade, se encontram bancos de marga calcarea. N'um terreno humido, plano e forte um composto de $\frac{1}{2}$ de estrume de gado vaccum e $\frac{1}{3}$ de marga, empregado na sementeira de um batatal, sabemos ter dado optimo resultado.

O que, sobre tudo nas terras mais fortes, e ainda nas fracas, nos parece que deve contribuir para atar-

lhar os efeitos terriveis da doença que vai accommettendo as batatas, é o demorar as sementeiras para mais tarde do que geralmente se faz. Um batatal semeado depois do meado de abril de 1846, produziu excellentemente e sem vestigios de doença em terreno forte, margado. As chuvas que vem ordinariamente ainda na primavera bastaram para o fazer prosperar. Suspeitamos que a molestia d'esta preciosa planta se deva á demasiada humidade a que estão sujeitas as sementeiras temporãs. Pedimos aos agricultores practicos que repetindo as experiencias ácerca d'isto, busquem estabelecer por meio d'ellas as epochas mais convenientes de semear, o que nos parece fazer-se ordinariamente demasiado cedo.

11.^o A semente das batatas pode-se extrahir das capsulas, logo que estas estejam bem maduras, pelo methodo ordinario que se emprega para apurar a semente do tomateiro, e guardar-se em lugar secco sem mais prevenções. Tambem se podem guardar os globulos que a contém para a empregar do modo que abaixo se verá.

12.^o Em França faz-se a sementeira lançando a semente nos regos, do modo descripto pelo Sr. Rebello da Silva. Em Allemanha usa-se de methodo diverso. Colhidos os globulos que contém a semente, completamente, enterram-se no principio do inverno em terra bem preparada e fôfa, em linhas de distancia de palmo, e com igual distancia entre os globulos. Com a primavera as batateiras nascem aos grupos nos logares onde se enterraram os globulos. Quando as plantinhas teem duas ou tres pollegadas de altura arrancam-se cuidadosamente, para se transplantarem para regos com as distancias convenientes. Cada planta leva já uma ou mais batatinhas do tamanho de ervilhas, que é preciso não esmagar nem separar do pé, porque d'elles se formarão os futuros tuberculos. Depois prosegue a cultura segundo o methodo descripto pelo Sr. Rebello no artigo 13.^o Ambos os methodos, experimentados entre nós, deram o resultado pretendido. Houve a differença de semear tanto a semente como os globulos nos fins de fevereiro, posto que ao abrigo do norte, attendendo a ser o nosso clima mais brando no inverno e menos humido no verão do que a França central, onde a sementeira se faz em abril.

13.^o Para maior clareza advertiremos que as plantas, ainda da semente semeada a rego, vem muito junctas, e que por isso na occasião da primeira sacha cumpre desbasta-las de modo que fiquem na mesma distancia de pé a pé que ha de rego a rego. As plantas que se tiram no desbaste, uma vez que tragam a batatinha inicial, plantam-se em novos regos, esperando para esta transplantação que ou a terra esteja sufficientemente humida, ou que haja signaes de chuva imminente.

O EMIGRADO RICO E O EMIGRADO POBRE.

A SEGUINTE anecdota é extrahida de um livro muito engraçado e instructivo, escripto por Mr. L.-B. Picard, da Academia franceza. O livro chama-se *Gil Braz da Revolução*: devêra ser lido e meditado por muita gente. Desde Jacob, que rebate a Esaú o direito de primogenitura por um prato de lentilhas em occasião de fome, até o dia de hoje ainda não mudaram os pensamentos, palavras, e obras do usurario. Quer enriquecesse no vergonhoso e arriscado trafico da escravatura, quer enchesourasse, estirado nos molles sofás de gomma-elastica, sem outro trabalho mais que o de recolher o que os outros semearam e ceifaram suando suor e sangue, é sempre o homem que,

ainda quando o convidem para salvar a seu pai d'um incendio, perguntará primeiro: «Com quantos por cento de desconto?» — «Tomára, dizia um d'estes, vêr todo o genero humano bem desgraçado... para lhe valer com o meu dinheiro.» — Como porém o mal já vem muito de traz e é quasi sem remedio, vamos ao nosso conto, o qual mostra que o usurario, como vulgarmente se diz, nunca dá ponto sem nó.

Mr. Dervilé, que fôra juiz e conselheiro d'um parlamento, tinha-se preparado para emigrar desde o principio da revolução. Reduziu a dinheiro os seus predios rusticos, estabeleceu-se em Stuttgart e havia feito especulações tão vantajosas com capitães que mettêra nos bancos de Vienna, Londres e Hamburgo, que estava muito mais rico do que em França, onde tinha fama de onzeneiro.

Chegou um dia á estalagem onde eu morava um homem que fôra soldado razo da minha companhia no principio da campanha. Era Mr. Darnal, ex-conselheiro do mesmo parlamento a que pertencêra Mr. Dervilé. Depois de ter gasto todo o seu peculio para poder emigrar, e de pelejar com denodo, ia agora para Vienna, onde esperava valer-se de uma parenta de sua mulher; e como fôra insigne dançante nas assembléas, fazia tenção de dar lições de dança. Renovámos o nosso conhecimento. Mr. Darnal vinha na maior penuria, e não sabia como havia de continuar a sua jornada. Conversando eu com elle, dei-lhe a noticia de que estava em Stuttgart Mr. Dervilé, o rico Mr. Dervilé.

— «Que ventura! o meu antigo collega! um amigo velho!»

Ei-lo livre de cuidados; não duvida de que Mr. Dervilé lhe acuda á pressa; dão-lhe a morada do seu opulento collega; corre a procura-lo.

— «Ai! que é o meu presado Darnal, amigo certo e verdadeiro! exclama Mr. Dervilé apertando-o nos braços. Quem havia de dizer, quando nos sentavamos nas cadeiras do nosso tribunal, que nos havíamos de encontrar assim na Allemanha, ambos desterrados?»

E começou o sensível Dervilé a amaldiçoar a revolução e os jacobinos, e a inquirir com o maior interesse o estado do seu constante e velho amigo. Este, commovido, muito esperançado, narra as suas aventuras, explica os motivos da sua jornada a Vienna, a miseria extrema em que se acha, a gratidão a que o obriga tão cordeal acolhimento, e por fim abalança-se a pedir emprestados vinte e cinco luizes, declarando não poder dar em penhor senão a sua palavra e as suas esperanças. Em quanto isto dizia, tinha Mr. Dervilé posto os olhos no céu; chegaram-lhe a correr as lagrimas; cortou o discurso do collega com exclamações que ainda continuavam depois de Mr. Darnal se ter calado.

— «Valha-me o céu! um conselheiro do parlamento obrigado a andar de espingarda ás costas! que desacato! corta o coração! E agora vai para Vienna implorar a compaixão d'uma parenta?»

— «Que remedio tenho eu!»

— «E faz tenção de dar por lá lições de dança?»

— «Sim.»

— «Um magistrado antigo! obrigado a andar em cata de bilhetes de lições de dança! E está no maior aperto por não poder continuar a jornada?»

— «Sim.»

— «E queria que lhe en emprestasse vinte e cinco luizes?»

— «Sim, seiscentos francos.»

— «E não me póde dar outra hypotheca senão esperanças e a sua palavra?»

— «Nada mais.»

— «Oh! eu não duvido de que o meu amigo, se acaso se visse algum dia n'um estado mais prospero, correria logo a pagar-me. Aqui tem, todavia, a que está reduzida uma multidão de fidalgos, de magistrados, de prelados, de abbades, de pessoas decentes, que se viram constrangidas a deixar os seus palacios, os seus tribunaes, ou as suas dioceses. Tome lá, veja, leia, meu caro amigo, meu presado collega, corra os olhos comigo por cima d'esta lista, que prouvera a Deus não fosse authentica.»

Dizendo isto abriu uma secretaria e tirou um cahinho, cujo titulo deu a lér a Mr. Darnal. O titulo dizia assim: *Lista dos infelizes emigrados que vieram valer-se do conselheiro Dervilé.*

— «Veja, veja, meu querido amigo; começam os pedidos em 1791; veja: o conselheiro de * * * mil escudos; o senhor bispo de * * * quatro mil francos; o senhor duque de * * * seis mil francos; o senhor marquez de * * * mil e duzentos francos; e vai por ahí fóra... Tome sentido, vá vendo, vá vendo: os nomes mais illustres da França! obrigados a pedir em prestadas umas quantias insignificantes, como se fossem ahí uns pobres fieis de feitos.

Mr. Darnal sentia-se desopprimido de um peso; admirava o genio serviçal e a prodigalidade bemfazeja do desinteressado Mr. Dervilé, a quem tinham ousado accusar de avaro e usurario, e principiava a dirigir-lhe os mais vivos e sinceros agradecimentos.

— «Espere; veja a somma, disse-lhe Dervilé; noventa e oito mil e quatrocentos francos; sim, senhor, noventa e oito mil e quatrocentos francos. Que tal! amigo do coração, accrescentou elle, pegando de novo nas mãos de Mr. Darnal; sempre quero que me diga o que seria feito de mim se eu tivesse emprestado aos meus queridos compatriotas a somma de noventa e oito mil e quatrocentos francos. Doe-me n'alma não os socorrer, e pareceu-me conveniente tomar nota dos seus pedidos para me premunir, para me armar contra as fraquezas do meu coração, contra os conselhos imprudentes da minha compaixão, assim como cá vou tomar nota do seu, que leva a totalidade á conta redonda de noventa e nove mil francos.»

O infeliz Darnal ficou aterrado. Levantou-se em quanto M. Dervilé escrevia, e lançando-lhe um olhar de indignação, deixou-o sem dizer palavra.

A CRITICA.

A CRITICA é um tributo que todo o candidato á celebridade tem de pagar ao publico: querer subtrahir-se a ella, por mui subido merecimento que haja, é loucura; não poder tolera-la é fraqueza. Os mais insignes personagens da antiguidade, e podemos acrescentar que os de todos os seculos, estiveram sujeitos á critica. Contra ella só na obscuridade ha refugio. É uma especie de condigão inevitavel de toda a preeminencia, quasi como as invectivas eram entre os romanos uma parte essencial do triumpho.

ADDISON.

DESCOBERTA.

Um egresso de uma Ordem respeitavel, dedicado inteiramente ás sciencias, e votado ao ensino da grammatica, arithmetica, geographia, geometria, historia, &c., perguntando-lhe um seu discipulo, de cinco annos de idade, aonde se creavam as castanhas do Maranhão, respondeu com ar magistral: — «Criam-se dentro dos cocos.»